

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

NÁDIA ROSÂNGELA BORGES DE SOUSA

**O BULLYING NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE INHUMA- PI**

Picos-PI

2013

NÁDIA ROSÂNGELA BORGES DE SOUSA

**O BULLYING NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE INHUMA- PI**

**Monografia apresentada à coordenação
do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Universidade Federal do
Piauí, como um dos requisitos para a
obtenção do Título de Licenciado em
Pedagogia.**

**Orientação: Prof.^a Ms. Renata Gomes
Monteiro**

Picos-PI

2013

Eu, **Nádia Rosângela Borges de Sousa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 17 de Abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S729b Sousa, Nádia Rosângela Borges de.

O Bullying na escola: a percepção dos professores de uma escola pública de Inhumas- PI / Nádia Rosângela Borges de Sousa. – 2013.

CD-ROM : 4 ¾ pol.; il. (50 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Nádia Rosângela Borges de Sousa

**O BULLYING NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE INHUMA- PI**

Monografia apresentada à coordenação
do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Universidade Federal do
Piauí, como um dos requisitos para a
obtenção do Título de Licenciado em
Pedagogia.

Orientação: Prof.^a Ms. Renata Gomes
Monteiro

Aprovada pela Banca Examinadora em Picos – PI

_____ / _____ / 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Renata Gomes Monteiro

Orientadora

Prof.^o Ms. Alexandro Coitinho Sant'Ana

Titular

Prof.^a Ms. Vanderléa Andrade Pereira

Titular

**A Deus meu senhor e meu guia, a
minha mãe e ao meu irmão as
duas razões pela qual respiro.**

AGRADECIMENTOS

A Deus meu senhor e meu guia, em todos os momentos de minha vida.

A minha mãe, Nercina Borges dos Santos, razão do meu viver, mulher guerreira que sempre me apoiou e que sempre me apoiará em todos os momentos da minha vida. Não sou nada sem a senhora, Te amo mais do que tudo.

Ao meu irmão, João Marcos, parte de mim, meu amigo e companheiro de toda a vida...Te amo muito!

A toda a minha família, avós, tios e primos pelo apoio e incentivo.

Ao meu noivo Julierme, pelo carinho, companheirismo e incentivo.

A minha grande amiga Aninha, companheira de todas as horas, minha irmã de vidas passadas, pelo apoio, incentivo e carinho.

As amigas Cássia, Marykelle, Solange, Tatiane, Vanessa e Rosiane que conquistei durante o curso e que levarei comigo até o fim da vida.

A minha orientadora Renata Monteiro que foi minha luz no fim do túnel que muito contribuiu com seu tempo e conhecimento na realização desse trabalho.

A todos os professores de curso que contribuíram para que chegasse até aqui.

Aos meus companheiros de van que fizeram de minhas idas a Picos- PI mais alegres e prazerosas.

Finalmente, a todos que fizeram parte desta longa e saluta jornada, os meus mais sinceros agradecimentos, que Deus em sua infinita misericórdia derrame suas bênçãos, como raios de luz sobre todos.

Muito Obrigada!!!

“A violência destrói o que ela pretende defender, a dignidade da vida e a liberdade do ser humano”. (João Paulo II)

RESUMO

As práticas violentas que ocorrem nas instituições de ensino vêm se tornando notícia constante nos meios de comunicação. Essas atitudes violentas conhecidas como Bullying estão fazendo com que os jovens sofram a cada dia no ambiente escolar e, conseqüentemente, fora dele, diferentes tipos de violência, fazendo com que os mesmos levem para a sua vida traumas irreparáveis. A pesquisa apresenta uma análise de como os professores de uma escola pública de Inhuma- PI percebem e lidam com os casos de bullying na escola onde trabalham. Além disso, buscou-se identificar os possíveis comportamentos de bullying na opinião dos professores, procurou-se também verificar os possíveis sinais e sintomas nos alunos vítimas de bullying, conforme a percepção do professor e, por último, tentou-se reconhecer se esses professores tiveram durante a sua formação inicial e continuada conhecimento a respeito desse fenômeno. Tal pesquisa foi baseada nos estudos dos seguintes teóricos: Fante (2005, 2008, 2011 e 2012), Pedra (2008), Teixeira (2011), Miranda (2011), Dusi (2011), Silva (2010), Semprini (1999), José (2012), Coelho (2012), Piletti (1999) e Chalita (2008). Para a realização desse estudo de abordagem qualitativa foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário com 26 perguntas abertas e fechadas. A análise dos questionários nos permitiu concluir que a maioria docentes participantes da pesquisa ainda apresentam uma certa falta de conhecimento e estratégias pedagógicas para lidar com o fenômeno bullying.

Palavras-chave: Bullying. Professor. Escola.

ABSTRACT

Violent practices that occur in educational institutions have become constant news in the media. These violent behaviors known as bullying are causing young people suffer every day at school and consequently outside, different types of violence, causing them to take their lives irreparable traumas. The research presents an analysis of how teachers in a public school Inhumas- PI perceive and deal with cases of bullying in the school where they work. Furthermore, we sought to identify possible behaviors of bullying in the opinion of the teachers, to check the possible signs and symptoms in students bullied as a teacher's perception and to recognize it these teachers had during their initial and continuous training knowledge about this phenomenon. This research was based on studies of the following theoretical: Fante (2005, 2008, 2011 and 2012), Stone (2008), Teixeira (2011), Miranda (2011), Dusi (2011), Silva (2010), Semprini (1999) Joseph (2012), Rabbit (2012), Piletti (1999) and Chalita (2008). To conduct this qualitative study was used as an instrument of data collection a questionnaire with 26 open and closed questions. The analysis of the questionnaires showed that the teachers participating in the research have a very great lack of knowledge about the searched topic.

Keywords: Bullying. Teachers. School.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.	REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1.	BULLYING: CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÕES	17
3.2.	O BULLYING E AS AÇÕES PEDAGÓGICAS	26
4.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
4.1.	AS CONCEPÇÕES DE BULLYING PARA OS PROFESSORES.....	33
4.2.	CASOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	35
4.2.1	Sujeitos que podem vir a sofrer e praticar o bullying de acordo com a percepção dos professores.....	36
4.2.2	Relatos de docentes sobre maus tratos sofridos por seus alunos.....	38
4.2.3	Consequências sofridas pela vítima e pelo agressor.....	38
4.3.	ESTUDOS SOBRE BULLYING DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS DOCENTES.....	40
4.4.	ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PREVENIR E COMBATER O BULLYING NA ESCOLA.....	40
5.	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45
	APÊNDICE A.....	47
	APÊNDICE B.....	51

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseia-se no estudo sobre como acontece o bullying na escola e como os professores de uma escola pública percebem e lidam com essa violência durante a sua prática pedagógica no intuito de identificar, prevenir e combater essa prática violenta.

Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”. (TATUM E HERBERT, 1999 apud Fante e Pedra 2008, p.33).

Segundo Lopes e Saavedra (2003 apud Fante e Pedra 2008, p. 33),

O bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima. (2003 apud, Fante e Pedra 2008, p. 33).

Segundo Fante (2005), “assim sendo, por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivações evidentes, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Ela também frisa que o bullying é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola.

O Bullying é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que ferem as vítimas de Bullying. Elas se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima.

Para identificarmos o Bullying devemos estar atentos às ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo, ao desequilíbrio de poder (diferença entre altura e idade), ausência de motivos que justifiquem o porquê dos ataques.

Os ataques de Bullying não acontecem por causa reativa, ou seja, não surgem de uma discussão entre alunos. Simplesmente, os alunos que praticam essa violência elegem um colega que tenha em seu aspecto físico ou psicológico traços que denunciam ser ele uma presa fácil aos ataques.

Segundo Fante e Pedra (2008), o Bullying é um fenômeno encontrado em todas as escolas. É conceituado como sendo um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais.

Em todos os conceitos vemos que o que mais caracteriza o Bullying é que ele é uma violência repetitiva, isto porque para que esse fenômeno venha a ser caracterizado como Bullying, todas as agressões tem de ser recorrentes e contra uma mesma pessoa, só assim não será confundido com brincadeiras próprias da idade.

Apesar de alguns educadores terem consciência do problema existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para o seu estudo sistemático até princípios da década de 1970. Porém, somente na Suécia, nessa mesma década, é que surgiu um maior interesse da sociedade sobre este fenômeno. Logo depois na década de 1980, tal interesse estendeu-se também para a Noruega, onde foi desenvolvida uma grande pesquisa sobre o tema, expandindo os estudos para inúmeros países europeus.

As iniciativas foram provocadas pelo aumento de números de suicídios entre crianças e adolescentes, especialmente na Europa. Esse fato fez com os pesquisadores buscassem suas principais causas, encontrando entre elas os maus-tratos praticados por parte dos companheiros de escola. Esse fato despertou a atenção de profissionais, principalmente na área de psicologia, que passaram a estudar as formas de relacionamento entre os alunos. (FANTE e PEDRA, 2008. p. 36).

Como reflexo desses estudos, o tema chegou ao Brasil no fim dos anos 1990 e início de 2000, e teve maior ênfase a partir de algumas tragédias que ocorreram no decorrer dos anos seguintes.

É de suma importância que a escola saiba que o bullying existe que é um fenômeno que afeta toda e qualquer escola e é fundamental que ela esteja preparada para lidar com casos de bullying.

É preciso que a escola reconheça a existência do fenômeno e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes. A escola também precisa capacitar seus profissionais para observação, identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos, levar o tema à discussão com toda a comunidade escolar e traçar estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente ao fenômeno. (FANTE e PEDRA, 2008. p. 84).

O professor também pode ser um grande aliado na prevenção desse fenômeno principalmente na hora da aula, onde alguns dos tipos de violência são praticados. Para isso o professor deve agir evitando o menosprezo, apelidos maldosos e a rejeição para com alguns alunos por qualquer que seja o motivo.

Como exemplos claros desse fenômeno no nosso país, destacam-se algumas tragédias. Dentre elas estão a de Taiúva, onde um jovem obeso cansado de ser motivo de chacota durante toda a sua vida estudantil, abriu fogo contra 50 estudantes que estavam no pátio do recreio, ferindo seis deles e logo depois se suicidando; também a de Remanso, no interior baiano, onde um jovem matou duas pessoas e feriu três, em decorrência de anos de ridicularização; e a mais recente de todas: o massacre de Realengo, ocorrido no dia 07 de abril de 2011, onde um ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, Wellington Menezes de Oliveira, invadiu a escola munido de duas armas, matou doze alunos e ao final suicidou-se.

Diante desses fatos ocorridos nas escolas públicas, buscou-se responder durante a realização dessa pesquisa a seguinte problemática: Como os professores de uma escola pública da cidade de Inhumas- PI reconhecem e lidam com os casos de bullying na sua prática pedagógica?

Como objetivo geral, pretende-se analisar a percepção dos professores a respeito do bullying durante sua prática pedagógica cotidiana. Como objetivos específicos, temos: identificar os possíveis comportamentos de bullying na opinião dos professores; verificar os possíveis sinais e sintomas nos alunos vítimas de bullying, conforme a percepção do professor; averiguar os principais fatores que poderiam dificultar ao profissional da educação a identificação de situações de bullying; reconhecer se esses professores tiveram durante a sua formação inicial e continuada conhecimento a respeito desse fenômeno e se os mesmos sabem como lidar com essa violência.

Essa pesquisa justifica-se pelo fato de o fenômeno bullying ter uma grande relevância social e estar se alastrando com rapidez pelas nossas escolas. Com isso é preciso saber se os professores sabem reconhecer esse tipo de violência, e se estão sabendo lidar diante desses casos. É importante frisar que este trabalho procura trazer pistas para os professores aprenderem a lidar com essa violência que assola as nossas escolas. O tema se faz relevante em virtude de o bullying ser um problema social presente nas escolas de forma global. Além disso, o

esclarecimento sobre sua existência e suas consequências poderá contribuir para a criação de medidas contra a violência escolar.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo visa à apresentação da metodologia utilizada nessa pesquisa, que, através de questionários, procurou responder a seguinte problemática: Como os professores de uma escola pública da cidade de Inhuma- PI reconhecem e lidam com os casos de bullying na sua prática pedagógica?

O percurso metodológico da pesquisa deu-se em fases distintas e complementares. A primeira foi um estudo sobre o tema a partir de obras de autores especializados, o que teve grande valia na realização do trabalho. Na segunda foi feita a elaboração e aplicação de um questionário com 26 perguntas abertas e fechadas no intuito de responder a problemática do trabalho, e a terceira fase foi a análise dos dados.

O trabalho se fundamenta inicialmente em um levantamento bibliográfico sobre o tema, pois, através dele, pode-se ter mais conhecimento sobre o objeto de estudo aqui pesquisado.

O levantamento bibliográfico é a base do referencial teórico de qualquer monografia, em qualquer nível. Fazer um levantamento bibliográfico significa pesquisar/selecionar textos compatíveis com o tema escolhido que irão apoiar as afirmações e explicações a serem desenvolvidas. Esta é a fase em que o aluno começa a se transformar em um pesquisador.(GODOY, 2011)

Em seguida foi feita uma pesquisa de campo com aplicação de questionário, pelo qual foi feita a coletas de dados analisados nessa pesquisa, que teve com base uma abordagem qualitativa, pois, de acordo com Pope e Mays (1995, p 42), “os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos”.

Foram entregues vinte questionários para os professores da Unidade Escolar João de Deus Carvalho do município de Inhuma- PI. Dentre esses docentes, apenas quinze devolveram os questionários respondidos, os demais justificaram não ter tempo para responder; um em especial afirmou, em tom de ironia, não poder responder ao questionário, pois tem alergia a papel no período de férias.

Com intuito de preservar a identidade dos docentes, os mesmo passaram a ser classificados por letras do alfabeto, ou seja, foram chamados de professor A, professor B, professor C, e etc.

Dos quinze docentes que contribuíram para a realização da pesquisa, nove são do sexo feminino e seis do sexo masculino; com faixa etária entre 28 e 48 anos de idade. Todos os sujeitos afirmaram possuir curso superior possuindo formação em: Biologia, História, Especialização em História do Brasil, Geografia, Física, Especialização em Inglês, Letras Português, Educação Física, Psicopedagogia, Normal Superior e Matemática.

A coleta dos dados foi feita através de um questionário. De acordo com Gil (2010),

[...] quando o levantamento recolhe informações de todos os integrantes do universo pesquisado, tem-se um censo [...] são extremamente úteis, pois proporcionam informações gerais acerca das populações, que são indispensáveis em boa parte das investigações sociais. (GIL, 2010, p. 55)

Daí a importância da utilização dos questionários, pois sem eles seria praticamente impossível a realização desse trabalho.

Durante a entrega dos questionários, foi feita uma explicação sobre o tema pesquisado e, ao mesmo tempo, a apresentação do termo de consentimento, segundo o qual, os docentes ficavam cientes de que os seus nomes e o nome da instituição em que trabalham seriam preservados e que os mesmos não seriam de forma alguma obrigados a responder ao questionário.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

3.1. BULLYING: CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÕES

O Bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia. Portanto, os atos repetidos entre estudantes e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima.

Segundo Silva (2010),

A palavra Bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. (SILVA, 2010 p. 21).

Segundo Fante (2008 p. 37), o que diferencia o Bullying de outros tipos de violência “é a propriedade de causar traumas irreparáveis ao psiquismo das vítimas, comprometendo sua saúde física e mental e seu desenvolvimento socioeducacional”.

É no cenário escolar que a criança é convidada a conviver com a diversidade e com a complexidade das relações, das emoções, das ideias, das crenças e dos valores individuais. A escola é o espaço privilegiado do conhecimento, do intercâmbio, da experiência, onde o educando é convidado a entrelaçar os conteúdos curriculares às vivências cotidianas. (MIRANDA e DUSI, 2011. p. 15).

O desrespeito, a intolerância, a desconsideração ao diferente, a falta de habilidades de defesa, a submissão, a passividade, o silêncio e sofrimento das vítimas, a convivência daqueles que assistem e incentivam as ações cruéis e desumanizantes são alguns fatores que propiciam o Bullying. Os tipos de maus tratos encontrados nesse fenômeno são: verbal, moral, sexual, psicológico, material e virtual.

Para identificarmos os atos estabelecidos de bullying devemos estar atentos a alguns critérios: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo, desequilíbrio de poder e a ausência de motivos que justifiquem os

ataques. Alguns autores dizem que para que uma agressão venha a ser caracterizada como uma prática bullinista ela tem de ser repetida ao menos duas ou mais vezes por ano. Exemplo disso é a afirmação de Olweus (1998 apud Fante e Pedra, 2008, p. 40), de que pelo menos, duas agressões repetitivas por ano já pode vir a ser considerado bullying. Já Pereira (2002 apud OLIVEIRA, 2010, s.p.) afirma que para uma pessoa ser considerada uma vítima dessa violência tem que ter sofrido no mínimo de três a seis agressões por ano.

Sabe-se que essas formas de identificação aqui relatadas por Olweus e Pereira são consideradas muito vagas, mas é de suma importância frisar que em todo ato de bullying as agressões dar-se-ão de maneira repetitiva e com o intuito de constranger a vítima.

Algumas pessoas costumam caracterizar qualquer ato de violência como se fosse bullying, o que muitas vezes não é. Mas também existem aquelas pessoas que não acreditam no fenômeno e acham que atos de violência entre os alunos não passam de brincadeiras próprias da idade.

Fante (2012) afirma que, para identificar o bullying,

É necessário reconhecer seus critérios e diferenciá-lo daquilo que faz parte do processo de socialização ou de algo natural da infância e da adolescência. Não é bullying o ato de fazer brincadeiras pontuais engraçadas, inconsequentes ou irritantes. Não é bullying a emissão de comentários ou opiniões divergentes, discussões ou brigas, entre outras possibilidades inerentes às relações interpessoais. Não são bullying os conflitos ou ofensas pontuais, que resultam em mágoa ou raiva passageira. (FANTE, 2012, p. 26).

De acordo com Chalita (2008), o bullying pode ser praticado de forma direta ou indireta. A forma direta é utilizada com maior frequência entre os meninos, dentre elas têm-se as agressões físicas. Já a indireta é mais praticada pelas meninas, tendo como características atitudes que levam ao isolamento social por parte das vítimas. A agressão indireta compreende todas as atitudes de difamações e fofocas.

Segundo Silva (2010), a violência praticada no fenômeno bullying pode ser caracterizada como: verbal (insultar; ofender; xingar; fazer gozações; colocar apelidos pejorativos; fazer piadas ofensivas e zoar); física e material (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas, atirar objetos contra as vítimas); psicológico e moral (irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar,

aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os colegas, fazer intrigas, fofocas ou mexericos); sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar) e virtual conhecido também como Ciberbullying (praticado através da internet).

Também é de suma importância frisar que não só os alunos sofrem e praticam o bullying. Alguns estudiosos acreditam que os professores também podem sofrer e praticar essa violência. Para eles muitos professores fazem uso do seu poder em sala de aula para deixar os seus alunos intimidados, gostam de deixá-los envergonhados diante dos outros, criticam suas notas baixas com frequência, seu jeito de falar ou ler errado, o que acaba por baixar a autoestima das vítimas e fazer com que as mesmas, aos poucos, percam o interesse pelos estudos.

Existem também aqueles professores que sofrem com essa violência, que diariamente são atacados e agredidos física e verbalmente pelos seus alunos, o que acaba deixando-os com um nível muito alto de estresse. Isso pode vir a prejudicar sua autoestima e o desempenho de suas funções em sala de aula, assim como desencadear transtornos psíquicos, tais como o pânico e a depressão. Em alguns casos eles podem vir a ter tendência à Síndrome de Burnout¹. Com isso muitos professores acabam abandonando sua profissão ou tentam assumir outro cargo, em que não haja contato com os alunos.

Infelizmente muitos professores são humilhados, ameaçados, perseguidos e até ridicularizados por seus alunos. A maioria deles não sabem como agir frente a essas desagradáveis situações que ocorrem em seu ambiente de trabalho. Se eles sofrem bullying por parte dos alunos, temem procurar a direção escolar e ser mal interpretados por seus superiores e, até mesmo, rotulados de incompetentes no trato com os estudantes. (SILVA, 2010, p. 147).

Os protagonistas do bullying podem ser divididos em: vítimas típicas, vítimas provocadoras, vítimas agressoras, agressor e espectador. As vítimas típicas são aquelas que apresentam pouca habilidade de socialização e apresentam também um quadro acentuado de timidez. Segundo Fante (2005), as características mais comuns das vítimas típicas são: aspecto físico mais frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, são muito

¹ A síndrome de Burnout é conhecida como uma exaustão física e emocional, onde o professor perde a vontade de lecionar.

inseguras, tem uma autoestima rebaixada, possuem dificuldade de aprendizado, são muito ansiosos e possuem aspectos depressivos. Silva (2010) destaca que normalmente essas crianças ou adolescentes “estampam” facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade, passividade e submissão.

Já as vítimas provocadoras são aquelas que agem impulsivamente, provocando os colegas e atraindo contra si reações agressivas, contra as quais muitas vezes não conseguem lidar com eficiência. Fante (2005, p. 72) esclarece que:

A vítima provocadora possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; é de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. (FANTE, 2005, p. 72).

As vítimas agressoras são aquelas que reproduzem os maus tratos sofridos como forma de compensação, por isso procuram outras vítimas para descontarem o que sofrem na escola. Fante (2005) afirma que essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com o que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas. De acordo com Beane (2010 p. 25), as vítimas agressores “são tipicamente mais fracas que os valentões da escola, mas são mais fortes do que aquelas que os subjugam”.

A vítima agressora faz valer os velhos ditos populares “Bateu, levou” ou “Tudo que vem tem volta”. Ela reproduz os maus- tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. (SILVA, 2010, p. 42).

Segundo Fante (2005), os agressores, também conhecidos como bullies, são aqueles que vitimam os mais fracos. Desde cedo é possível identificar um agressor, uma vez que geralmente são sujeitos mimados, cheios de vontade e que não aceitam ser contrariados. Comumente essas crianças não obedecem aos pais e suas brincadeiras são sempre maldosas. Não muito raro esses agressores vem de uma família onde as agressões são constantes, o que acaba influenciando para que essas crianças venham a se tornar um bullie.

De acordo com Silva (2010), os agressores podem ser de ambos os sexos, eles possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade. Para

continuarem com seu comportamento, os bullies necessitam da sensação de medo e impotência apresentados por suas vítimas, provocando o silêncio destas e dos espectadores. Eles podem se valer dessa atitude agressiva para descontar no outro o que estão vivendo em casa ou até mesmo por não ter a atenção e carinho que gostariam de receber dos seus pais ou responsáveis.

De acordo com Fante e Pedra (2008, p. 60), os agressores são

Aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus tratos para tornar-se populares, dentre elas as “zoações”, e ou apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos. (FANTE e PEDRA, 2008, p. 60).

Infelizmente, se nenhuma providência for tomada em relação aos agressores, possivelmente eles serão péssimos chefes, pais e companheiros agressivos e muitas vezes com tendência à criminalidade.

Os espectadores são aqueles que representam a maior parte dos alunos da escola. Estes não sofrem e nem praticam bullying, mas sofrem as suas consequências, pois temem serem os próximos alvos dos ataques. Alguns presenciam as ações violentas e, mesmo ficando indignados, não tem coragem de intervir nas agressões e acabam se calando diante do problema. Outros presenciam e apoiam os ataques bullinistas por meio de risadas e piadinhas sem graça para com as vítimas. Eles não costumam ter um comportamento tão marcante. Tendem, em ambos os ambientes da escola, se manterem calados sobre o que sabem ou presenciam. Percebe-se que para o espectador esse apoio ou omissão em relação aos atos de violência por ele presenciados, pode vir a ser uma estratégia de defesas que os mesmo usam para fazer com que os bullies não os transformem nas suas próximas vítimas.

Segundo Silva (2010), os espectadores estão divididos em: espectadores passivos, ativos e neutros. Os espectadores passivos são aqueles que têm medo de serem as próximas vítimas e por isso não saem em defesa dos seus colegas. Já os espectadores ativos são os alunos que, apesar de não participarem das agressões, acabam dando apoio aos agressores por meio de risadas e piadinhas. Os Espectadores neutros são aqueles alunos que não demonstram sentimentos diante das agressões aos seus colegas, geralmente são crianças e jovens que já convivem com a violência no seio familiar.

Considerando que uma das características de maior relevância da conduta bullying é a violência velada, faz-se necessário, tanto por parte da escola quanto dos pais, ficarem atentos a qualquer motivação, por menor que seja, em relação ao comportamento da criança.

O pesquisador Dan Olweus (1993, apud Fante, 2005, p. 75) elenca alguns comportamentos que devem ser observados para que a vítima e o agressor sejam identificados, tanto no espaço escolar como em casa durante o convívio familiar. O comportamento da vítima na escola se caracteriza da seguinte forma: está frequentemente isolada e separada do grupo, procura ficar próxima a um adulto ou do seu professor; na sala de aula tem dificuldade de falar diante dos demais, mostrando-se insegura e ansiosa; nos jogos, brincadeiras e atividades é sempre a última a ser escolhida; demonstra um comportamento aflito, triste ou deprimido; apresenta desleixo nas tarefas escolares; ocasionalmente está contundida, ferida com cortes e arranhões ou roupas rasgadas, de forma não natural; falta às aulas com frequência e perde constantemente os seus pertences. Tudo isso pode acarretar o fracasso escolar, através da repetência ou até mesmo da evasão.

Já o comportamento da vítima do bullying em casa se caracteriza por: dores de cabeça, pouco apetite, dor de estômago, tonturas, sobretudo no horário próximo a ir pra escola; muda o humor de maneira inesperada, apresentando explosões de irritação; regressa da escola com roupas rasgadas ou sujas e com o material escolar danificado; apresenta desleixo nas tarefas escolares; apresenta-se comumente aflito, triste ou deprimido; apresenta contusões feridas ou arranhões; sempre tem desculpas para faltar às aulas; raramente possui amigos, ou possui ao menos um amigo para compartilhar seu tempo livre; pede dinheiro extra além da mesada ou furta dinheiro dos pais, apresentando gastos altos na cantina da escola.

Identifica-se o comportamento do agressor na escola a partir dos seguintes comportamentos: faz brincadeiras ou gozações de mau gosto; coloca apelidos; faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga, incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, está sempre envolvido em discussões e desentendimentos; toma de outras crianças objetos que não lhe pertencem, sem que haja o consentimento das vítimas.

Já em casa, a família poderá reconhecer o agressor diante de comportamentos como: exterioriza ou tenta exteriorizar sua autoridade sobre alguém; é habilidoso para sair bem das situações difíceis; porta objetos ou dinheiro

sem justificar sua origem; apresenta atitude hostil, desafiante e agressiva com pais e irmãos, chegando ao ponto de aterrorizá-los sem levar em conta a idade ou diferença entre força física, e sempre regressa da escola com a roupa amarrotada e com ar de superioridade.

Diante disso, é de suma importância que a escola esteja sempre atenta ao comportamento dos alunos para que possa identificar e distinguir quem é vítima, agressor e espectador, para então criar meios de combater e prevenir essa violência.

As consequências do Bullying são gravíssimas. Tal ideia é corroborada por Fante e Pedra (2008), ao afirmarem que,

Dependendo da estrutura psicológica de cada indivíduo, o bullying pode mobilizar ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de concentração, déficit de atenção, angústia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de inferioridade, mágoa, oscilações do humor, desejo de vingança e pensamentos suicidas, depressão, fobias e hiperatividade, entre outros. (FANTE e PEDRA, 2008. p. 84).

As vítimas perdem o interesse de ir à escola devido ao medo de encontrar novamente os seus agressores, o que provoca prejuízos em relação ao seu rendimento escolar. Além disso, o bullying ainda pode provocar sérios transtornos psicológicos.

O bullying também está ligado ao desenvolvimento de transtornos psicológicos graves. Dentre eles o mais enfatizado pela mídia mundial, em face das tragédias provocadas, é o caso do aluno vítima, que, depois de prolongado período de tempo sendo alvo de ataques, chega ao limiar da sanidade e resolve dar fim à própria vida, antes, porém, levando com ele quantos puder. Mune-se de armamento, vai à escola, lá alveja quantos pode e depois comete suicídio. (FANTE e PEDRA, 2008. p. 84).

Fante e Pedra (2008) afirmam que dentre as consequências encontradas em estudos sobre o bullying, pode-se mencionar os altos índices de estresse, o surgimento de algumas doenças como a obesidade, a bulimia e a anorexia, desencadeadas por agressões a respeito do tipo físico das vítimas.

Vale lembrar que o estresse é responsável por 80% das doenças da atualidade, pelo rebaixamento da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, principalmente próximos ao horário de ir à escola (especialmente no caso das crianças menores), como dores de cabeça, tonturas, náuseas, ânsia de vômito, dor no estômago, diarreia,

enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão, dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perda ou aumento do apetite, dores generalizadas, dentre outras. (FANTE e PEDRA 2008, p.83)

Possivelmente, um vitimado de bullying sentirá, em sua vida adulta, reflexos dessas agressões em momentos de enfrentamento e de superação de obstáculos, podendo desenvolver problemas psicológicos como transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, sintomas psicossomáticos e, em casos menos frequentes, mas não com isenção, a esquizofrenia, o suicídio e o homicídio.

Existem também os traumas que trazem prejuízo tanto para o desenvolvimento da inteligência como da capacidade de aprendizagem. No caso dos alunos envolvidos em bullying, principalmente as vítimas, quando são expostas a situações intimidatórias e constrangedoras, pode vir a ocorrer a formação de uma estrutura psicológica caracterizada por autoestima rebaixada e inabilidades relacionais.

Eles poderão ter suas mentes dominadas por pensamentos e emoções marcadas por excessiva insegurança, ansiedade, angústia, medo, vergonha, etc., prejudicando sua capacidade de raciocínio e aprendizado, favorecendo o surgimento de um perfil emocional, que, aos olhos do agressor, caracteriza-o como alguém que não oferecerá resistência aos seus ataques. (FANTE e PEDRA, 2008, p.85).

Dessa forma, a vítima poderá desenvolver comprometimentos no desenvolvimento da sua capacidade criativa e de liderança, da inteligência, e outros sérios problemas na sua vida afetiva, familiar e social. Muitos alunos desenvolvem déficits de concentração e de aprendizagem, o desinteresse pelos estudos causando a queda do rendimento escolar, bem como a evasão. Sendo assim, a conscientização é um dos caminhos para prevenir e combater o Bullying, tanto na escola quanto na comunidade escolar.

Segundo Lopes Neto (2005), existem em nossa sociedade três documentos legais que formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e a dignidade, sendo a educação entendida como

um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para a cidadania.

De acordo com Silva,

Todos os alunos, pais, professores e profissionais que lidam com crianças e adolescentes no dia a dia devem ter conhecimento e entendimento da legislação [...] Dessa maneira, todos podem se informar, orientar e refletir sobre seus atos e comportamentos, bem como saber as consequências que deles podem surgir. (SILVA, 2010, p. 167)

O Art. 18º do Estatuto da Criança e do Adolescente cita que é dever de todos estarem atentos e zelar pela dignidade da criança e do adolescente pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. Portanto, cabe também à classe docente, foco principal dessa pesquisa, primar pelo bem-estar social dos alunos, uma vez que é direito legal o bem-estar das crianças em qualquer espaço, principalmente no espaço escolar.

O artigo 227 da Constituição Federativa do Brasil de 1988 afirma que é (...) dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010).

Fica claro que o direito à dignidade, ao respeito, à liberdade, à saúde, à vida, se encontram ausentes em atos de bullying, ferindo assim a Constituição Brasileira.

A Convenção dos Direitos da Criança é o instrumento de direitos humano mais aceito em todo o mundo. Em seu Art. 19º afirma-se que:

1. Os Estados-partes tomarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus – tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto estiver sob a guarda dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.
2. Essas medidas de proteção deverão incluir, quando apropriado, procedimentos eficazes para o estabelecimento de programas sociais que proporcionem uma assistência adequada à criança e às pessoas encarregadas de seu cuidado, assim como outras formas de prevenção e identificação, notificação, transferência a uma instituição, investigação, tratamento e acompanhamento posterior de caso de maus – tratos a crianças acima mencionadas e, quando apropriado, intervenção judiciária. (CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA 1990)

Portanto, a educação é legalmente entendida como facilitadora do pleno desenvolvimento do aluno, e tem o dever de respeitar os direitos da criança, possibilitando um crescimento físico e psicológico saudáveis para o exercício da cidadania. Entendendo que o bullying é uma forma de violência e legalmente lesa os direitos da criança e do adolescente.

Vale ainda ressaltar que a carta maior, o documento mais importante que rege a educação brasileira que é a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) reafirma, no seu Art. 2º, as finalidades da educação, que são: o pleno desenvolvimento do educando e o seu preparo para o exercício da cidadania. Duas finalidades que ficam bastante comprometidas quando, em espaços educativos, o bullying é fenômeno recorrente.

Posto isso, mais uma vez enfatiza-se que tanto a escola quanto a família tem como finalidade o desenvolvimento social e psicológico do educando, sendo que, em atos de bullying, esses direitos dados aos alunos são cruelmente violados.

3.2 O BULLYING E AS AÇÕES PEDAGÓGICAS:

O bullying é antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo e de responsabilidade de todos.

A escola é um dos espaços onde a criança conhece o novo, é nesse ambiente que ela expande os seus horizontes de relacionamento, faz novas amizades, e expande o seu meio social.

Semprini (1999) afirma que

A escola é um dos lugares consagrados à formação do indivíduo e à sua integração numa comunidade de iguais. É graças a ela que o indivíduo pode transcender seus laços familiares, étnicos ou consuetudinários [...] A educação tem igualmente a missão de conduzir a pessoa ao pleno amadurecimento de suas capacidades. Ao permitir-lhe forjar seu espírito crítico e escolher de modo autônomo entre várias possibilidades aquela que melhor lhe convém. (SEMPRINI, 1999, p. 46).

O ambiente escolar deve proporcionar o desenvolvimento de modo geral na vida do aluno, a fim de que este tenha êxito na construção do conhecimento. Pois, quando isso não ocorre, ao invés de gerar momentos de liberdade, inibe a sua

capacidade criadora e a liberdade de expressão dos alunos, esta conduta causa-lhes temor e, conseqüentemente, o desinteresse pelos estudos.

De acordo com Silva (2010), o fenômeno bullying sempre existiu nas escolas. Mas a ação das escolas perante o assunto ainda está em fase embrionária. Segundo ela “a maioria absoluta não está preparada para identificar e enfrentar a violência entre seus alunos ou entre os alunos e o corpo acadêmico” (SILVA, 2010, p. 162). Essa situação acontece por causa de algumas escolas desconhecerem esse fenômeno e outras por omitirem os casos no intuito de mostrar que no seu espaço escolar não há preconceitos.

Antes de qualquer atitude a ser tomada, é preciso que a escola esteja ciente da existência do bullying e assim também tome consciência sobre as suas conseqüências. De acordo com Silva (2010, p. 162), “o bullying é um fato e não dá mais para botar panos quentes nas evidências”.

A partir do reconhecimento é preciso que a escola capacite os seus profissionais, principalmente os professores, pois os mesmos convivem mais tempo com os alunos, para a identificação, diagnóstico, intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos. A escola tem papel fundamental na redução dessa violência por meio de programas preventivos, em parceria com as famílias dos alunos e diversas instituições sociais, como o Conselho Tutelar, psicólogos e assistentes sociais, para garantir uma maior eficácia.

É de suma importância que a escola faça uma pesquisa com os seus alunos, com o intuito de ouvi-los para saber quais as suas experiências com o fenômeno e os sentimentos assim despertados por ele. Uma referência maior dessas pesquisas é o questionário desenvolvido pelo norueguês Dan Olweus. No Brasil é utilizado o Questionário sobre Bullying – Modelo TMR (Training and Mobility of Researchers), adaptado por Ortega, Mora Mércan, Lera, Singer, Pereira e Menesini (1999) do questionário original desenvolvido por Dan Olweus (1989).

Segundo Fante e Pedra (2008, p. 107), “nas primeiras três semanas de aula o fenômeno já se torna perceptível”. Portanto sabe-se que a observação é o melhor começo para que haja a identificação das práticas bullinistas dentro da sala de aula. As práticas de violência, discriminação e preconceito, vivenciadas pelos alunos no cotidiano escolar, têm se apresentado como um grande desafio para os professores, equipe gestora e toda a comunidade escolar.

Fante (2005, p. 68) ainda afirma que

O despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada e necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos. (FANTE, 2005, p. 68).

Durante a capacitação desses profissionais não é trabalhada a afetividade, os docentes não estão preparados para lidar com essa violência, o que acaba dificultando ainda mais na intervenção dos casos de violência na escola. É importante que o docente, além de criar um clima de afetividade com seus alunos, se informe de como é a vida de cada um, como é sua vida em casa, se vive em união com a família ou se vive em um ambiente de brigas e desentendimentos. Só assim os professores saberão como lidar com cada tipo de aluno.

Se durante a sua prática pedagógica o professor não conseguir lidar com algum caso de violência, este deve imediatamente comunicar a direção da escola para que a mesma tome as precauções necessárias no intuito de combater o fenômeno. Ideia essa corroborada por Fante e Pedra (2008, p. 114), ao afirmarem que “cabe ao diretor como autoridade máxima, promover sindicância interna e decidir os procedimentos a serem adotados”. Os diretores são os responsáveis pela vigilância de tudo que ocorre no interior da escola.

Existem também aqueles casos em que o professor é o agressor do estudante. O bom rendimento escolar e o gosto em frequentar as aulas dependem muito da relação entre educando e educador. Se no relacionamento entre eles houver laços de amizade e harmonia, essa interação promoverá o diálogo, possibilitando ao aluno expor suas opiniões sem medo de serem confrontados.

De acordo com José e Coelho (2002),

Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-a responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio sucesso. (JOSE e COELHO, 2002, p.13).

Mas se na relação professor aluno houver uma atmosfera de inimizade, em que o professor se coloca num patamar de dominação, e impõe sua autoridade, isso acabará fazendo com que haja uma queda no rendimento dos alunos, pois os mesmo irão se sentir com a autoestima rebaixada e, além de temerem o professor,

os alunos apresentam tendência de não se darem bem na disciplina que o professor leciona.

Neste contexto Piletti (1999, p. 48) afirma que:

A autoridade e a inimizade geram antipatia por parte dos alunos. A antipatia em relação ao professor faz com que os alunos associem a matéria ao professor e reajam negativamente a ambos. Muitas vezes, está nesse fator a origem dos distúrbios da aprendizagem. (PILETTI, 1999, p. 48).

Por isso é imprescindível que o professor não faça diferença entre seus alunos, que não tenha ou demonstre preferência por alguns alunos e por outros não. É preciso que durante a sua prática pedagógica o educador faça uso de alguns atributos como: a calma, a afetividade e respeito pela diferença. Respeitando as diferenças, ele estará fazendo com que os demais alunos adotem o mesmo comportamento com os colegas.

Por outro lado, existem os casos em que o professor também é vítima e sofre com a violência na sua prática pedagógica. Infelizmente essa é uma realidade que vem se tornando cada vez mais crescente nas escolas. Quando o professor sofre bullying, de qualquer maneira que seja, ele deve imediatamente procurar a direção da escola para que a mesma tome as providências necessárias. Se por acaso a escola se omitir em relação à agressão, o professor deve dirigir-se a uma delegacia para fazer o B.O. (Boletim de Ocorrência).

A escola deve oferecer ao seu aluno, além de uma ótima qualidade de ensino, um ambiente seguro para o seu desenvolvimento emocional e sócio-educacional. É preciso que ela adote estratégias de intervenção e prevenção da violência no espaço escolar. O programa antibullying Educar para a Paz propõe soluções através de estratégias psicopedagógicas que devem ser aplicadas dentro do ambiente escolar. Esse programa propõe a solidariedade, a cooperação, a tolerância e o respeito às diferenças, com o intuito de construir um ambiente de paz na escola.

Segundo Debarbieux (2011, p. 26), “a violência nas escolas só pode ser enfrentada se tratada em profundidade, com formação docente específica, incentivo à solidariedade e aumento da proximidade entre professores e alunos”.

Conhecendo mais profundamente o tema, as escolas terão meios para se precaverem contra o bullying. Com isso a comunidade será beneficiada com medidas antibullying, evitando assim comportamentos agressivos entre os jovens,

visto que, na atualidade, é um mal que abrange a totalidade das escolas, sejam elas públicas ou privadas.

Quando os profissionais são capacitados para atuar com as estratégias antibullying, os índices de violência diminuem muito. O ambiente escolar torna-se mais harmônico, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem. Mas para que essa teoria venha a se tornar realidade é preciso que toda a comunidade escolar (pais, professores, alunos, diretor e demais funcionários da escola) trabalhe em conjunto, com o intuito de identificar, combater e prevenir essa violência na escola.

Fante (2012) afirma que “o bullying não é isso que as pessoas insistem em divulgar. A generalização tem comprometido o entendimento do fenômeno e, por conseguinte, sua identificação, acompanhada de intervenção e procedimentos adequados”. A autora ainda complementa alertando que

Identificar o bullying entre os alunos não é tarefa simples, por se tratar de uma forma de violência bastante específica. Muitas vezes, os ataques não podem ser visualizados, ou seja, são desprovidos de materialidade, e as vítimas não têm como comprová-los, o que gera incompreensões e inconformismos. O autor pode utilizar formas mais veladas e silenciosas, como gestos, olhares, expressões fisionômicas, bilhetes com mensagens humilhantes ou ameaçadoras, além dos ataques virtuais, que costumam ocorrer onde não há a supervisão dos adultos. (FANTE, 2012, p. 26).

Por isso a importância do tema ser trabalhado nas escolas desde as séries iniciais, para não ser confundido com outros tipos de violência comuns, e não tão repetitivas como o bullying.

Algumas editoras já estão lançando obras infantis relacionadas ao bullying, com a intenção de conscientizar desde cedo as crianças sobre o que é o esse fenômeno e as consequências que ele pode trazer tanto para quem sofre como para os que praticam. Cristina Klein, autora da coleção “Bullying na Escola” e a autora Silmara Rascalha Casadei, autora da coleção “Bullying não é Brincadeira” lançaram livros que falam sobre esse tipo de violência e que podem e devem ser trabalhados na educação infantil.

De maneira inovadora Fante e Pedra (2008) trazem logo no início do seu livro “Bullying escolar – perguntas e respostas”, uma história voltada para o público infanto-juvenil onde retratam como acontece o bullying, facilitando assim o entendimento da dinâmica bullying. A história se chama: “Bullying na escola: o que

é isso?” ela fala sobre uma época em que o planeta era habitado somente por animais e que chegou uma época em que eles queriam registrar em livros o período no qual estavam vivendo e então resolveram criar uma escola.

Todos se empenharam na construção da escola, cada bicho contribuía da forma que podia. Os elefantes, os camelos e os pássaros ficaram responsáveis por fornecer água para a construção. Os leões, rinocerontes, búfalos e zebras ficaram encarregados de fornecer toda a madeira. Já os porcos, hipopótamos e jacarés cuidaram da confecção dos tijolos. Os castores, veados e hienas, com a ajuda do João-de-Barro, ficaram responsáveis por erguer as paredes da escola. As girafas e os macacos construíram o telhado e os camaleões, os pavões e as borboletas cuidaram da pintura e decoração da escola.

Depois da escola pronta eles fizeram uma grande festa para comemorar o resultado dos seus esforços, descobriram assim que graças à solidariedade e a ajuda de todos, eles finalmente poderiam estudar juntos. Os animais reuniam-se toda semana para discutirem vários assuntos e encontrar melhorias para a qualidade de vida de todos. Até que num certo dia chegou um animal estranho na escola e, por suas características de causar medo e arrepios nos bichos, eles chamaram-no de Bullying.

Desde o dia em que esse bicho estranho tinha chegado à escola, os animais começaram a ficar mais agressivos, os animais considerados mais fortes foram intimidando os mais fracos, o que resultou num grande desequilíbrio na harmonia daquela escola.

Depois de tanto sofrimento a mamãe coruja, preocupada com o comportamento anormal de sua filha, resolveu procurar os responsáveis pela escola para juntos encontrarem soluções para acabar com essas agressões. Eles chegaram à conclusão de que os bichos mudaram de comportamento depois do aparecimento do Bullying na escola. O grupo concluiu que o medo, a insensibilidade, a dificuldade de compreender e se colocar no lugar do outro estavam prejudicando o ensino, a aprendizagem e a capacidade de conviver com o diferente e decidiram então acabar com esse fenômeno, conscientizando os animais de que as diferenças sempre existirão, mas que são os diferentes que fazem a diferença.

Fante e Pedra (2008) procuram trazer, através dessa história, um maior entendimento sobre o tema aqui abordado, para que crianças, professores e pais

aprendam de maneira lúdica como identificar, prevenir e combater esse fenômeno. Para as crianças, ela proporciona a identificação do fenômeno através das situações cotidianas. Aos pais e responsáveis ela traz esclarecimentos e orientações seguras para prevenir e intervir com os filhos. Já para os professores, além de facilitar a introdução do tema em sala de aula, ela também incentiva estratégias de convivência pacífica solidária.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nas respostas apresentadas pelos professores, realizou-se uma leitura aprofundada das afirmações, elencando-se quatro categorias de análise, sendo elas: as concepções de bullying para os professores; casos de violência na escola; estudos sobre bullying durante a formação inicial e continuada dos docentes; estratégias utilizadas para prevenir e combater o bullying na escola.

4.1 AS CONCEPÇÕES DE BULLYING PARA OS PROFESSORES

Para Teixeira (2011, p.19), “o bullying pode ser definido como o comportamento agressivo entre estudantes. São atos de agressão física, verbal, moral ou psicológica que ocorrem de modo repetitivo, sem motivação evidente, praticados por um ou vários estudantes contra outro indivíduo, em uma relação desigual de poder”.

Já para Fante², “o bullying é uma violência gratuita caracterizada pela repetição das agressões praticadas com uma mesma vítima num período de tempo, pelo desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade de causar danos e pelos prejuízos causados em especial às vítimas”.

Percebe-se então que a maioria dos autores que estudam bullying segue uma mesma linha de raciocínio ao afirmarem que se caracteriza e se identifica o bullying a partir dos seguintes aspectos: agressões recorrentes sobre a mesma vítima num período prolongado de tempo e o desequilíbrio de poder entre os envolvidos.

Apenas os docentes B, D e M apresentam conceitos de bullying que vem a corroborar as concepções descritas nesse trabalho, a partir da visão de estudiosos do assunto, a saber:

“Bullying refere-se a qualquer tipo de agressão, seja ela física ou verbal, geralmente de forma repetitiva, ferindo a integridade do indivíduo em todos os aspectos” (Professor B);

² Vídeo com entrevista com a Dr. Cléo Fante (www.youtube.com/watch?v=Q1_diYqe3Uk), com o tema: Bullying: isso é grave!

“Bullying é qualquer forma de atitude agressiva, seja ela verbal ou física, tendo caráter intencional e repetitivo, e com objetivo de intimidar ou agredir alguém que não possua a capacidade de se defender”. (Professor D)

“É um termo usado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados e repetidos por um indivíduo ou grupo de indivíduos causando dor, angústia sendo executado de uma relação desigual de poder”. (Professor M)

Já os demais professores definiram o bullying de forma limitada, caracterizando tal fenômeno apenas como agressões verbais, físicas ou psicológicas, ou ainda como assédio moral³. Como é visto nas seguintes falas:

“Bullying nada mais é do que as agressões sem limites que afetam o indivíduo moralmente e é caracterizado por agressões físicas, verbais ou agressões intencionais” (Professora A).

“É uma forma agressiva seja verbal ou não de tratar as pessoas as quais tenham certa antipatia. É uma maneira brusca de tratar com desdenho, zombaria e discriminação usando diversas formas dentre elas o celular e a internet”. (Professor C)

“Bullying são práticas de ofensas, desentendimentos, brincadeiras de mau gosto”. (Professor E)

“Bullying é um grave problema de assédio moral onde uma pessoa constrange outra regularmente por questões de raça, religião, nacionalidade e muitos outros motivos gerando um forte trauma na vítima desse tipo de situação”. (Professor G)

³ Ângela Soligo, pesquisadora do observatório da violência da UNICAMP, afirma que bullying e assédio moral são manifestações diferentes. A primeira acontece em espaços estudantis e entre os jovens. A segunda ocorre em ambientes de trabalho e na relação entre adultos.

“São comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos adotados por um ou mais sujeitos com o objetivo de intimidar ou agredir outro (s) sujeito (s)”. (Professor N)

Diante de tais declarações, é importante que o professor tenha uma visão adequada e correta do que seja bullying, pois só assim ele será agente de interrupção e descontinuidade dos casos de bullying entre seus alunos que procuram ajuda dos docentes.

4.2 CASOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Dentre os quinze professores que responderam e devolveram os questionários, onze disseram que na escola na qual lecionam existem casos de violência. Somente quatro afirmaram não existir tais casos na escola pesquisada.

A princípio infere-se que os professores que afirmam não existir casos de violência na escola não conseguem caracterizar ou identificar algumas ações ou atitudes violentas, omitindo que as mesmas aconteçam. Contudo, segundo alguns estudiosos, a violência está presente em todas as escolas (públicas ou privadas) desde que as mesmas surgiram. Portanto, nenhuma delas está isenta de casos de bullying.

Dos onze sujeitos que afirmaram existir casos de violência na escola, três disseram que essa violência é repetitiva, o que nos mostra indícios da existência de casos de bullying nessa escola, uma vez que uma das principais características de bullying é a agressão repetitiva.

De acordo com sete educadores, as agressões não são repetitivas, o que pode significar que se trata de casos isolados de agressões e, por isso, não devem ser classificados como atos de bullying, pois as agressões repetitivas e o desequilíbrio de poder são as principais características adotadas como critério para a identificação desse fenômeno. Apenas um docente afirmou não ter presenciado nenhuma violência na escola, mesmo sabendo que na mesma existem casos de violência, uma vez que o mesmo já ouviu relatos de outros professores e funcionários sobre tais casos.

A maioria dos docentes reconhece a existência da violência no espaço escolar em que atuam, mas nem todos conseguem perceber as diferenças entre

casos isolados de violência e bullying, embora todo bullying seja uma manifestação de violência. Por isso a importância de salientar que o que diferencia o bullying de outros tipos de violência, de acordo com Fante (2008), é que,

[...]ao contrário de outras ações violentas, ocasionais e reativas, o bullying é caracterizado por ações deliberadas e repetitivas, pelo desequilíbrio de poder e pela sutileza com que ocorre, sem que os adultos percebam ou permitindo que estes finjam não perceber (FANTE, 2008, p.37)

Os professores G, E, F, N e I afirmam que há práticas de violência no espaço escolar em que atuam, ressaltando ainda que os tipos de violência mais frequentes são do tipo verbal, psicológica, moral, física e material.

Os professores B e D disseram não existir casos de violência na escola na qual lecionam, mas ao mesmo tempo afirmaram que as agressões mais comuns são as verbais, o que faz com que eles se contradigam, pois os mesmos dizem que não há violência, mas ao mesmo tempo ressaltam existir agressão verbal na escola. Também o professor K, ao afirmar não existir casos de violência na escola, diz que as agressões mais frequentes são a psicológica e moral.

Essas contradições podem ser explicadas pelo fato de muitas pessoas não reconhecerem agressões verbais, psicológicas e morais como tipos de violência, que também machucam, ferem e provocam danos; o que acaba se transformando em um equívoco por conta da falta de capacitação sobre o tema. Mais uma vez tem-se a prova da falta de conhecimento sobre o fenômeno estudado nesta pesquisa.

Já os professores L, M e J foram condizentes com as respostas afirmando que a agressão verbal, física, material, psicológica ou moral e a virtual são as que ocorrem com maior frequência dentro da escola, demonstrando reconhecer todos esses tipos de agressões como práticas violentas.

Os espaços onde ocorre o maior índice de agressões citados pelos professores foram: a sala de aula, o pátio da escola (principalmente no momento do intervalo das aulas). Teixeira (2011) afirma que as práticas de bullying ocorrem principalmente no horário do recreio e em sala de aula.

4.2.1 Sujeitos que podem vir a sofrer e praticar o bullying de acordo com a percepção dos professores.

Os professores afirmam que o bullying ocorre tanto entre alunos, como entre professor com aluno e vice e versa. O professor D afirma que:

“Como o bullying é qualquer atividade agressiva a mesma pode ocorrer entre qualquer pessoa independente da sua posição dentro do ambiente escolar”.

Já os professores B, C e L afirmaram que as práticas bullinistas ocorrem somente entre os alunos. Como podemos ver nesses relatos:

“Na escola em que trabalho existe muitos alunos que sofrem bullying. Geralmente por parte de outros alunos”. (Professor B).

“São os casos mais comuns entre alunos”. (Professor C).

Os professores F, G e O afirmam já ter sofrido bullying tanto de alunos como de professores na escola onde lecionam, os relatos desses professores foram:

“Sim. Hoje, acredito que praticamente todos os professores sofram, principalmente a psicológica e moral e não apenas por parte dos alunos” (professor F);

“De certa forma sim, pois percebemos ainda que de forma discreta a desvalorização e a falta de respeito com que os alunos tratam os professores, chegando às vezes a fazer agressões verbais as quais não deixam de ser uma forma de bullying” (professor G);

“Já sim, alunos já me xingaram, me apelidaram, escreveram palavrões com meu nome, mas, eu sempre ignorei e com isso não continuaram mais” (professor O).

Isso pode vir a prejudicar a autoestima desses professores, e assim acarretar sérios problemas a sua vida profissional e pessoal. Silva (2010) afirma que

É comum nos depararmos com professores adoecidos, com sintomas psicossomáticos (como dor de cabeça, diarreia, vômitos, sudorese, taquicardia, tonturas, insônia), diante da possibilidade de se defrontarem com seus agressores, seja em sala de aula, seja em reuniões com os demais profissionais da escola. (SILVA, 2010, p. 148).

Os professores O e F disseram que já sofreram de 1 a 2 agressões. Enquanto o professor G já sofreu mais de 5 agressões, caracterizadas por eles

como práticas bullyinistas. A agressão verbal, a psicológica e a moral foram as mais citadas pelos docentes.

Vimos que nessas afirmações apresentam-se duas concepções diferentes: tanto a de que o bullying ocorre somente entre alunos, como aquela segundo a qual o bullying pode ocorrer também entre alunos e professores. Ambas podem ser aceitas, uma vez que não existe consenso entre os teóricos que estudam o fenômeno bullying a respeito desse aspecto. Alguns estudiosos consideram que o bullying ocorre somente entre pares (aluno com aluno, professor com professor), mas isso não é consenso.

4.2.2 Relatos de dos docentes sobre maus tratos sofridos por seus alunos.

Os professores B, C, F, I e O disseram que já foram procurados por alunos que relatavam sofrer algum tipo de violência que os constrangiam. Dentre elas, podemos ressaltar a discriminação e os apelidos pejorativos

Já o professor G afirmou não ter sido procurado, mas que já tinha percebido um caso de discriminação relacionado à opção sexual de um garoto. Segundo Fante (2008, p. 42), essa discriminação é chamada de Bullying Homofóbico, sendo definido como “o ato de submeter homossexuais a chacotas, humilhações, ameaças, perseguições e exclusões sociais, dentro ou fora das escolas”.

Os professores B, C e F disseram que já ouviram de 3 a 4 relatos. E o professor O afirmou já ter ouvido de 5 a 6 relatos de alunos que já sofreram agressões.

Vale ressaltar também que quatro professores disseram que já foram procurados por pais ou responsável, que relataram algum tipo de violência sofrida por seus filhos dentro da escola. Isso mostra a importância da parceria entre família e escola, um dos fatores positivos e essenciais na identificação e prevenção do fenômeno bullying.

4.2.3 Consequências sofridas pela vítima e pelo agressor

A maioria dos professores afirmou que as consequências sofridas pelas vítimas são: a exclusão do meio social, a baixa autoestima, dificuldades de

interação com o meio social, traumas psicológicos, medo, stress, depressão, agressividade, dor de estômago, pensamentos suicidas, dentre outras.

Essas afirmações corroboram a afirmação de Fante e Pedra (2008), quando estes afirmam que,

Dependendo da estrutura psicológica de cada indivíduo, o bullying pode mobilizar ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de concentração, déficit de atenção, angústia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de inferioridade, mágoa, oscilações do humor, desejo de vingança e pensamentos suicidas, depressão, fobias e hiperatividade, entre outros. (FANTE e PEDRA, 2008. p. 84).

Também para os agressores, as consequências podem ser marcantes. De acordo com o professor A, o agressor pode desenvolver comportamentos de risco, tais como a prática da violência doméstica e até mesmo práticas criminosas futuras. A afirmação da professora A corrobora, mesmo que indiretamente, a afirmação de Teixeira (2011, p. 57), onde ele afirma que

O padrão agressivo de comportamento demonstrado no colégio tende a se repetir na faculdade, no ambiente de trabalho e na vida adulta de uma forma geral. Os filhos de pais agressivos, violentos e autores de bullying apresentam mais chances de sofrer abuso físico e psicológico por seus pais e de desenvolver também o comportamento bullying no futuro. (TEIXEIRA, 2011, p. 57).

Dentre as consequências para os agressores, a mais citada pelos docentes foi a exclusão social e o seu péssimo rendimento escolar.

Os professores A, H, M e O, ao se referirem aos alunos agressores, atribuem uma parcela de responsabilidade do comportamento desses alunos à família e aos problemas enfrentados por eles em casa. Fante (2005) afirma que os agressores podem vir de uma família onde as agressões são constantes, o que acaba influenciando essas crianças a se tornarem bullies. Silva (2010) também destaca que eles podem se valer dessa atitude agressiva para descontar no outro o que estão vivendo em casa.

Os demais professores acreditam que o desempenho escolar dos alunos agressores é afetado de alguma maneira, concordando, mesmo que indiretamente, com a afirmação de Silva (2010), quando ela relata que o rendimento desses alunos é regular fazendo com que os mesmos, além de prejudicarem o rendimento escolar das vítimas, acabam prejudicando também o seu.

4.3 ESTUDOS SOBRE BULLYING DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS DOCENTES

Os professores F, A, C, D, H e N afirmaram não terem estudado sobre bullying durante a sua formação. Já 7 (sete) professores assumiram ter estudado sobre o bullying quando cursaram suas graduações. A maioria dos docentes relata já ter assistido filmes, documentários e palestras, além de também já ter lido reportagens sobre o tema aqui estudado.

Apenas o professor F, mesmo não tendo estudado sobre o fenômeno bullying durante a sua formação, afirma que teve que pesquisar sobre o assunto por conta própria para tentar combater esse mal que muitas vezes começa na família e desencadeia para a escola.

A falta de conhecimento sobre o tema faz com que os professores, mesmo que já tenham pelo ao menos lido alguma matéria sobre o fenômeno, não se sintam preparados para lidar com as agressões. Os professores A, B, C, D, F, G, K, L e O afirmam estarem preparados para lidar apenas com os casos mais leves⁴.

Já os professores H, I, J, M e N assumem não estarem preparados para lidarem com os casos de bullying.

4.4 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PREVENIR E COMBATER O BULLYING NA ESCOLA

Os professores A e M afirmaram que nunca tiveram que intervir em nenhum caso de agressão. Já os professores B, C, D, F, G, H, I, J, L, N e O afirmaram já terem feito intervenções e que as estratégias mais utilizadas foram o diálogo seguido de encaminhamento à gestão escolar.

Nota-se que os mesmo professores que disseram não existir casos de violência na escola relataram no questionário, na pergunta sobre estratégia de intervenção em casos de comportamento agressivos, já terem feito intervenções em

⁴ Não ficou evidenciado de forma clara e objetiva o que os professores pesquisados chamam de casos de bullying mais leves.

algum caso de agressão entre alunos, caracterizando mais uma contradição que se justifica pelo fato de os professores não saberem realmente o que é Bullying.

Com relação à postura dos docentes diante dos casos de violência, o diálogo e o encaminhamento dos casos mais graves à gestão escolar foram as medidas mais acessíveis para os professores.

O professor F frisa que o professor “deve procurar intervir o quanto antes, pois a sua omissão só estará contribuindo para a evolução de algo mais grave”. Como crimes do tipo suicídio e homicídio.

Teixeira (2011), em seu livro *Manual Antibullying*, elenca 20 estratégias que podem vir a ser utilizadas tanto pelo docente quanto por todos os funcionários da escola, na prevenção dessa prática violenta. Destacamos aqui sete estratégias, a saber: realizar uma palestra inicial com todos os funcionários, uma com os pais e responsáveis pelos alunos e outra com os próprios discentes com o objetivo de contextualizar e familiarizar todos com o problema, informando o que é o bullying, suas características, causas e consequências, enfatizando os possíveis prejuízos acadêmicos, sociais e de autoestima na vida de quem sofre essa violência. Aumentar a supervisão no ambiente escolar; realizar mais trabalhos em grupo promovendo assim uma maior interação entre os alunos; encaminhamento dos casos mais graves a profissionais capacitados para avaliar, diagnosticar e tratar os problemas que podem ser desencadeados por conta do bullying.

Com relação à existência de projetos sobre bullying na escola, os professores A, E, F, H, M e N afirmam que na escola na qual trabalham não existem projetos sobre o bullying na escola.

Já os professores B, D, G, I, J, K, L e O afirmam que a escola possui projetos que abordam o assunto. Isso acaba fazendo com que os professores se contradigam com relação à escola, ou por estarem falando a verdade ou por terem medo de serem prejudicados ou de virem a prejudicar a instituição.

O professor C afirma que na escola na qual leciona existem sim projetos sobre o bullying, mas destacou que foram apenas pequenos textos e filmes trabalhados por alguns professores.

A criação de um projeto de realização de palestras com profissionais direcionadas aos funcionários da escola, aos pais e alunos foram as ações mais sugeridas pelos professores.

Pode-se perceber que, como é dito na fala de todos os sujeitos, a elaboração de um projeto é o primeiro passo a ser dado pela escola. Para isso, a escola poderia tomar por base alguns projetos antibullying já existentes na sociedade, como exemplo, o Programa Educar Para a Paz⁵, elaborado pela Dra. Cléo Fante e também o Programa Antibullying elaborado pelo Dr. Gustavo Teixeira. Ambos os programas visam a prevenir e combater essa violência e tiveram excelentes resultados.

⁵ O programa antibullying "Educar para a paz" foi desenvolvido pela professora Cleo Fante e, implantado pioneiramente em nosso país, na Escola Municipal Luiz Jacob, na cidade de São José do Rio Preto, interior paulista, no período de junho de 2002 a julho de 2004 . Sua meta principal é erradicar esse nocivo fenômeno social, que vem causando irreparáveis prejuízos a um número expressivo e cada vez maior de alunos e disseminar a cultura de paz em nossas escolas. Promover a inclusão e a integração dos alunos às dimensões da paz pessoal, da paz com o outro e com o meio ambiente, orientados pelo princípio da cooperação, da solidariedade, da tolerância e do respeito às diferenças.
(http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=750, acesso em 16/03/2013).

5 CONCLUSÃO

Com base em todos os conceitos de bullying apresentados no decorrer da pesquisa, vimos que, para diagnosticá-lo e combatê-lo, é preciso saber que o mesmo ocorre através de práticas violentas intencionais, repetitivas, intensificando sempre um desnível de poder.

Através dos estudos e da análise de dados, pôde-se observar que o bullying é um assunto pouco conhecido pelos professores aqui pesquisados, tanto que confundem outras formas de violência com o bullying. A maioria deles não tem conhecimento aprofundado dos males que esta prática pode gerar para os envolvidos, tanto no âmbito emocional, físico, moral e cognitivo. Essa falta de conhecimento pode ser explicada e justificada pela escassez de referencial teórico sobre o tema, pela falta de material e recursos de apoio (vídeo, revistas, matéria de jornal, palestras sobre bullying, etc) dentro da própria escola.

A escola selecionada para realização da pesquisa não foge à regra, mas esse não pode ser um fator que impeça o professor de pesquisar e entender esse fenômeno.

Outro fator de grande relevância é que a maioria dos professores não consegue conceber agressões verbais e psicológicas como práticas violentas (muitas vezes esses dois tipos de agressões são os que mais marcam a vida de quem as sofre), o que acaba dificultando ainda mais a identificação e o combate ao fenômeno.

Apesar de todos os docentes aqui pesquisados possuírem curso superior, ainda são poucos os que afirmaram ter estudado sobre o assunto durante a sua formação inicial e continuada, sendo que alguns têm contato com o assunto apenas através de reportagens e filmes, o que vem a ser mais um ponto que pode dificultar o diagnóstico e o combate ao bullying.

Diante de tudo que foi explanado percebe-se que a escola, juntamente com aqueles que compõem a instituição, devem estar cientes de que o bullying existe e que nenhuma escola, seja ela pública ou privada, está imune a essa prática violenta. Portanto, devem juntos tomar providências para que os casos de agressões e de bullying deixem de existir no espaço escolar, pois, de acordo com Teixeira (2011), não podemos continuar assistindo a essa violência dia após dia,

sem tomarmos nenhuma atitude. Somente através dessa conscientização é que as escolas voltarão a ser um ambiente de tranquilidade e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles.** Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. BestSeller, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** promulgada em 1988. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 02/02/ 2013.

BRASIL, Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <Http://www.planalto.gov.br/civil/LEIS/l8069.htm>. Acessado em 02/02/2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> , acesso em 02 de fevereiro de 2013.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da Amizade. **Bullying:** O sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo. Editora Gente, 2008.

Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. **Convenção dos direitos da criança.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.html, acesso em 02 de fevereiro 2013.

DEBARBIEUX, Eric. É preciso tratar das pequenas violências do cotidiano para evitar as mais graves. **Nova Escola.** São Paulo, n. 248,dez. 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ªed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

FANTE, Cléo. O que a escola deve saber e fazer para deter o bullying. **Pátio:** Ensino médio, profissional e tecnológico. Porto Alegre, n. 14, set. – nov. 2012.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, Cida. **Levantamento Bibliográfico.** Disponível em: <http://cidagodoy.blogspot.com.br/2011/03/levantamento-bibliografico.html>, acesso em 16 de março de 2013.

JOSÉ, Elizabete da Assunção e COELHO, Maria Tereza. **Problemas da Aprendizagem.** Ática ed. 12ª, 2002.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal Pediatria, Porto Alegre, v. 81, 2005.

MIRANDA, Simão de e DUSI, Miriam. **Previna o bullying: Jogos para uma cultura de paz.** Campinas, SP – Papyrus, 2011.

NEVES, Luis José. **Artigo característica, usos e possibilidades.** Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfckcAC/artigo-caracteristica-usos-possibilidades>, acesso em 15 março de 2013.

OLIVEIRA, Alessandra de. **Bullying na Escola,** 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a04v20n1.pdf>. Acesso em 25/01/2013.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional.** São Paulo. Ática, ed. 16, 1999.

SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo.** Tradução de Laureno Pelegrin. Bauru – SP, 1999.

SILVA, Ana Beatriz. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual Antibullying para alunos, pais e professores.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

APÊNDICE A

Questionário aplicado aos professores

Tema da pesquisa: A percepção dos professores em relação ao Bullying durante a sua prática pedagógica.

01-Faixa etária: _____

02-Sexo: () masculino () feminino

03-Qual a sua formação?

() Nível Médio () Magistério () Ensino Superior Completo () Ensino Superior Incompleto () Outro(s). Qual? _____

04-Se possui curso superior, qual? _____

05-Na escola na qual leciona existiu ou existe caso(s) de violência?

() sim () não

06-Se a resposta a questão anterior for afirmativa: essas agressões são repetitivas?

() Sim () Não

07-Para você o que é o *Bullying*?

08-Qual tipo de agressão é mais frequente?

() verbal – ofender, xingar, fazer gozações, e etc.

() física e material – bater, chutar, beliscar, e etc.

() psicológica e moral – humilhar e ridicularizar, excluir, difamar, e etc.

() virtual – ofensas e difamações via celular e internet.

() sexual – assediar, abusar, violentar e insinuar.

() outra. Qual? _____

09-Onde é mais comum ocorrer agressões dentro da escola na qual trabalha?

() na sala de aula

() no pátio

() no banheiro

() na saída da escola

() em outro lugar. Qual? _____

() na sua escola não ocorrem agressões.

10-Os alunos violentos conseguem um bom rendimento escolar? Justifique sua resposta.

11-Algum aluno já o procurou para relatar maus-tratos sofridos por ele dentro da escola? Descreva como foram esses relatos.

12-Se a resposta à questão anterior for afirmativa marque:

() 1 a 2 vezes () 3 a 4 vezes () 5 a 6 vezes () 7 ou mais vezes

13-Algum pai/mãe (ou responsável) já o procurou para relatar algum tipo de violência sofrida por seus filhos dentro da escola?

() sim () não

14-Alguma vez você teve que intervir para evitar que algum aluno (a) fosse maltratado por outro colega da escola? Que estratégias de intervenção você utilizou nesses momentos?

15-Para você o Bullying ocorre somente entre:

() alunos com alunos

() professor com aluno

() alunos com alunos, professor com aluno e aluno com professor.

16-Justifique a resposta da questão 15.

17-Você já sofreu Bullying na escola na qual trabalha? Justifique sua resposta.

18- Se a resposta for afirmativa, marque:

() 1 a 2 vezes () 3 a 4 vezes () 5 ou mais

19- Essa (s) agressão (ões):

() verbal

() psicológica e moral

() virtual

() sexual

() física e material

()) outra. Qual?

20- Você já presenciou algum colega (professor(a)) praticando atitudes violentas contra os alunos dentro da escola? Se sim relate alguns desses momentos.

21- Que consequências o bullying pode trazer para a vida da vítima e do agressor?

22- Durante a sua formação inicial ou continuada você estudou algo sobre BULLYING? Alguma vez já assistiu palestras, filmes, documentários ou reportagens sobre o Bullying? Pode relatar algo que você aprendeu com esse fenômeno?

23-Como educador você se sente preparado para lidar e intervir diante de situações de Bullying na sua sala de aula? Justifique sua resposta.

24-Na sua opinião como o professor deve agir diante de algum caso de bullying na sua sala de aula?

25-A escola na qual você leciona possui ou já possuiu projetos (seminários, palestras e etc.) que falem sobre o assunto?

() sim () não

26-Na sua opinião, que ações a escola na qual você trabalha deve promover para combater o Bullying?

Obrigada pela sua colaboração na realização desta pesquisa!!!

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: **O BULLYING NA ESCOLA – A DINÂMICA DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE INHUMA-PI COM RELAÇÃO AO BULLYING DURANTE A SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA**, que tem como **objetivos**: identificar os possíveis comportamentos de bullying na opinião dos professores, verificar os possíveis sinais e sintomas nos alunos vítimas de bullying conforme a percepção do professor, averiguar os principais fatores que poderiam dificultar ao profissional da educação a identificação de situações de bullying, reconhecer se esses professores tiveram durante a sua formação inicial e continuada conhecimento a respeito desse fenômeno e se os mesmos sabem como lidar com essa violência..

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou publicados em revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de **QUESTIONÁRIO**. Sr(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. **Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de educação.

A pesquisa está sob responsabilidade da Sr **NÁDIA ROSÂNGELA BORGES DE SOUSA** pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

Assinatura do participante